

A CONFIANÇA E SUA RELAÇÃO COM A RESILIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES ATRAVÉS DO OLHAR DE OTTO FRIEDRICH BOLLNOW

Lucielma Bernardino Coelho de Arruda¹; Ana Lúcia Leal²

Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste – UFPE/CAA.

EMAIL caa@ufpe.br

Resumo: Neste artigo discutimos a Confiança através do olhar de Otto Friedrich Bollnow, bem como a sua relação com a resiliência na formação de professores de Ciências. O mesmo é decorrência dos debates realizados na disciplina de Formação Humana e Inteligência Emocional do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste (PPGECM – UFPE/CAA). O objetivo geral do presente artigo é entender a importância da confiança na construção da resiliência e a influência de ambas na formação docente. O debate proposto está organizado em quatro momentos, além da conclusão, que são: a) introdução, onde situamos o leitor acerca das questões principais presentes no artigo; b) a formação docente, momento em que há uma reflexão a respeito da impossibilidade de conclusão dessa formação, além de entendermos a importância da confiança nesse processo; c) a confiança através do olhar de Bollnow, sendo a mesma observada como necessária a todos os seres, em especial aos docentes e discentes; d) debatemos sobre a importância da resiliência na prática docente dos profissionais Licenciados em Ciências, a partir do entendimento de que trabalham com temas que requerem dos mesmos uma sutileza maior em sua abordagem, pela complexidade das temáticas científicas e a contribuição da virtude da confiança para o desenvolvimento dessa resiliência. O trabalho docente apresenta relevante destaque no decorrer de todo o trabalho. Nas conclusões reafirmamos como a confiança, a resiliência e o processo formativo dos professores de Ciências estão entrelaçados, ressaltando que são possibilidades e não certezas.

Palavras-chave: Confiança, Bollnow, Resiliência, Formação de Professores de Ciências.

Introdução

Perspectivas que se baseiam na formação do professor como algo possível, finalizado e completo, em geral não dão conta de toda a complexidade dessa formação. A partir dessa discussão suscitam-se outras reflexões, como por exemplo, as necessidades inerentes a essa formação, mesmo que inacabada incompleta e impossível, entre as quais podemos citar o desenvolvimento da confiança, como também o desenvolvimento da capacidade de resiliência, temáticas sobre as quais nos deteremos no presente trabalho. As discussões sobre a

¹ Mestranda – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – PPGECM – Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste – UFPE/CAA. Integrante do LAPPUC – Laboratório de Pesquisa em Políticas Públicas, Currículo e Docência (UFPE/CNPq). lucielmabernardino2@gmail.com

² Doutora em Educação pela UFPE, Professora Adjunta do Núcleo de Formação Docente e do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática/ Universidade Federal de Pernambuco/ Centro Acadêmico do Agreste/ analealchaves@yahoo.com.br

formação de professores justificam-se pela crise profissional que os mesmos enfrentam já há algumas décadas, como também em virtude das situações de risco inerentes a essa profissão, como assinala Fajardo (2015), quando traz os desafios encarados pelos docentes principiantes, a superlotação nas salas de aula, o desafio da formação e também o de lecionar para crianças em áreas de risco, além da falta de estrutura para o trabalho e de falta de estrutura e suporte familiar, entre outros.

Em virtude das características específicas inerentes à profissão docente, Freud (2006) a descreve muito bem, quando diz que a profissão do educador - tal como a do psicanalista e a de governo – é impossível. Para Freud, essa impossibilidade é decorrente da compreensão de que tais profissões transitam no campo das inexequibilidades, relacionando-se de maneira proximal com o fracasso. Essa condição da profissão docente exige dos mesmos, ainda na atualidade, uma postura que, segundo Gatti, Barreto e Andre (2011) configura-se como sendo a de um profissional que tem capacidade de confrontar-se com problemas difíceis e variados, estando apto(a) para estabelecer soluções em sua ação, mobilizando seus recursos cognitivos e afetivos. Esse perfil de profissional configura-se como algo raro na atualidade, cuja dinâmica das vivências escolares e extraescolares se encarrega de tornar inexistente ou, na melhor das situações, em processo de extinção. Pois é certo que dele espera-se muito equilíbrio, serenidade, confiança em si, nos outros e no trabalho desenvolvido, além de uma postura de resiliência na vida profissional e fora dela.

Essa confiança que julgamos necessária à vivência do(a)s docentes chega através da apresentação de Otto Friedrich Bollnow, físico, pedagogo e filósofo, cuja produção apresenta-se como uma importante influência para os campos da Arquitetura, da Fenomenologia, da Hermenêutica, da Ecologia, da Filosofia e da Educação, como uma das virtudes necessárias a um bom educador, em sua obra *“SOBRE LAS VIRTUDES DEL EDUCADOR”*. Nessa produção Bollnow, de acordo com suas percepções, enfatiza virtudes que se sobrepõem as demais, pondo em destaque as seguintes: amor, paciência e confiança. Sendo esta última, em nosso entendimento, a que mais coaduna para a condição do Ser resiliente. Ao tratar da importância da confiança no campo pedagógico (BOLLNOW, 1979, p. 5) diz que a ideia que o educador faz da criança é fundamental para a formação desse ser, que de acordo com aquilo que o educador projeta na criança, ela poderá desenvolver aquelas características; ou seja, caso o educador projete organização, comportamento, sinceridade, entre outras, esse ser tende a desenvolver organização, tornar-se sincero e comportado. Ao passo que, ao projetar e destacar características que o diminuam ou o subalternizem,

classificando-o como alguém distante do ideário de "bom aluno", certamente exercerá influência negativa sobre o mesmo. Ou seja, a confiança depositada ou não numa criança, influenciará fortemente o desenvolvimento de sua personalidade.

O estabelecimento de relações de confiança, tanto no aspecto docente e sua relação com o trabalho pedagógico quanto no aspecto das teias de relações que se estabelecem entre os docentes e seus pares e também entre educandos e educadores, influenciam a possibilidade de desenvolvimento da resiliência. Não há um consenso a respeito do real significado do termo resiliência, entretanto, após diversificadas leituras a definição mais coerente para resiliência, de acordo com Vilete (2009) seria o seguinte:

A resiliência pode ser conceituada como um processo dinâmico que leva à adaptação positiva diante de uma adversidade e que envolve a interação entre processos sociais e intrapsíquicos de risco e de proteção (p.07).

E como fazer para contribuir com a formação de docentes resilientes? Segundo Riecken (2006), alguns fatores diferenciais seriam necessários para o desenvolvimento desta resiliência, tais como: autoconfiança, persistência, criatividade, bom humor e liderança, capacidade de produzir conhecimento, relacionamento interpessoal e capacidade de sonhar e aceitar desafios.

Os profissionais da área das Ciências Biológicas, especialmente, necessitam de um reforço no desenvolvimento desta resiliência visto que trabalham com temáticas delicadas, tais como: a teoria da evolução, sexualidade, usos e efeitos das drogas, entre tantas outras. Temas polêmicos e desconfortáveis para um expressivo número de famílias brasileiras. O que provoca, em muitas situações, desconforto, insegurança e, por que não dizer, medo, em alguns desse(a)s profissionais.

Diante desse cenário entendemos como complexa e desafiadora a possibilidade de reflexão acerca da ligação entre a confiança, na perspectiva de Otto Friedrich Bollnow e a resiliência no processo de formação de professores. Para isso, partiremos do estudo da formação docente como algo necessário, porém impossível de ser finalizado, para em seguida abordarmos a confiança e suas implicações na esfera pedagógica, posteriormente discutiremos a resiliência e seus impactos no trabalho docente. Ao final trataremos dos reflexos da confiança e resiliência na formação dos docentes e quais estratégias seriam

possíveis para promover a resiliência a partir do atributo da confiança.

A formação docente

Partindo do pressuposto de que todo processo formativo passa por etapas e tende a uma conclusão, trataremos da formação docente como algo que não se encaixa nesses padrões, em virtude da natureza de incompletude do processo educativo e formativo de seus atores. Entendendo que não trabalhamos com certezas e que a instabilidade é uma constante em nossas vidas, o próprio processo educativo se configura como algo impossível de ser garantido. Apesar de defender a sua inconstância e incompletude, há que se destacar a sua necessidade de existência em virtude de termos necessidade de significar o mundo, porque necessitamos, como seres em constante processo evolutivo, de lutar contra o caos e buscar constantemente atingir o equilíbrio. De acordo com Derrida (1998), a busca pela estabilidade existe justamente porque existe o caos. Entre a necessidade de formação docente e sua impossibilidade, destacamos o trecho a seguir que evidencia o real significado dessa impossibilidade, a partir das reflexões acerca da ausência de certezas.

A impossibilidade a que nos referimos, no entanto, não é meramente o oposto de possível, não é a afirmação de que nada pode ser feito, não é o bloqueio das possibilidades. Afirmar a impossibilidade do projeto de formação docente significa afirmar a impossibilidade de plenitude, a impossibilidade de identidades plenas, a impossibilidade de previsão e cálculo sobre a formação. Remete à contingência que torna os eventos possíveis, mas não necessários e obrigatórios. Remete à imprevisibilidade, à ausência de certezas, à diferença, à plástica dos processos de interpretação. Tudo sempre pode ser outro, é outro, está sendo outro (LOPES; BORGES, 2015, p. 13).

A formação docente, a partir dessa perspectiva, configura novos olhares e provoca rupturas com práticas vigentes, práticas essas conservadoras e que não promovem e, menos ainda, estimulam o desenvolvimento de virtudes que venham a tornar esses sujeitos atores principais do próprio processo formativo. Perpetua-se a ideia de que o melhor a fazer é evitar conflitos, portanto, minando o processo reflexivo entre os docentes e seus pares e dessa forma, contribuindo para o aumento da insegurança, dos medos e temores no exercício da prática. Não é por acaso que a cultura, fundamentalmente conservadora, adquire maior relevo quanto menor é a autonomia, a independência e a segurança profissional dos professores (PEREZ GOMEZ, 1998).

Quando pensamos a formação dos docentes de Ciências, essas observações são cada vez mais plausíveis, os conflitos são constantes, presentes e os medos e temores da prática docente são plenamente vivenciados. Para tanto, acreditamos que para o efetivo desempenho docente, não basta apenas ter o domínio das teorias científicas, é preciso mais, como podemos verificar a seguir:

Se é consensual e inquestionável que o professor de Ciências Naturais, ou de alguma das Ciências, precisa ter domínio das teorias científicas e de suas vinculações com as tecnologias, fica cada vez mais claro, para uma quantidade crescente de educadores, que essa característica é necessária, mas não suficiente, para um adequado desempenho docente (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2009, p. 31).

O individualismo presente nos espaços escolares, a própria postura de grande parte dos docentes, posturas isoladas e individualistas, caracterizam o trabalho docente como solitário, algo que não contribui para o bom andamento da prática docente. Em nossa prática, a proximidade e a partilha são condições necessárias e urgentes, visto que se pretendemos produzir educação de qualidade, para isso seria necessário à articulação com os diversos setores e atores do processo, onde todos tenham vez e voz, onde cada qual possa opinar e contribuir, se assim desejar, favorecendo dessa forma a partilha e o desenvolvimento da virtude da confiança.

Sendo assim, a confiança necessita de partilha, de união e de cooperação e essa confiança provoca uma "maior disponibilidade para fazer experiências e para correr riscos, o que, em conjunto, provoca um empenho dos docentes num aperfeiçoamento contínuo, enquanto parte integrante de suas obrigações profissionais" (HARGREAVES, 1998, p. 209). Tal tendência favorece o trabalho docente, proporciona maior possibilidade de conhecer o outro, de abrir-se a novas experiências e experimentações. Talvez seja disso que o docente da contemporaneidade necessite, de enxergar o outro como alguém capaz, de entender que a busca pela sua formação, apesar da impossível completude, será mais efetiva e crível a partir de seu estado de confiança. Neste sentido, o processo formativo dos docentes requer uma gama de adequações no intuito de contribuir para o êxito de sua prática, para que esse êxito chegue aos educandos e aos espaços de aprendizagem. Desse modo é possível que possa refletir na relação entre docentes e discentes e que de verdade consiga contribuir com a melhoria e o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem. Faz-se necessário, como veremos a seguir:

[...] a busca por uma formação docente mais aberta ao diálogo entre diferentes registros disciplinares, menos focada no ensino-aprendizagem, mais focada na criação de condições para que alunos e alunas possam ter uma oportunidade de estudar e produzir sentidos para o mundo que os circunda, uma universidade mais disposta a ampliar os espaços de debate entre concepções divergentes, mais aberta ao contraditório, mais voltada à pesquisa e à reflexão teórica. Nada disso, contudo, um absoluto que pode ser aplicado a qualquer contexto, um particular a ser universalizado de uma vez por todas. Algumas dessas significações podem fazer sentido e se instituir em certos contextos e em outros, não. Não têm suas diferenças limitadas às fronteiras territoriais ou nacionais (LOPES; BORGES, 2015).

O desenvolvimento da confiança, bem como do processo inverso - a desconfiança - se dá muito pela percepção que temos de mundo, pela forma como encaramos a vida e como nos portamos diante de todos os percalços de nossa caminhada. Para que possamos sublimar essas dificuldades encontradas e assim contribuir através do nosso trabalho para o incentivo ao despertar do outro, para o desenvolvimento da confiança como algo norteador de nossas atitudes, há de haver nos espaços educativos ambientes mais frutíferos. A ação modificadora e norteadora do processo formativo dos docentes tem grande impacto no tipo de profissionais que teremos, que por sua vez incidirão de forma efetiva na formação dos novos cidadãos que povoarão o nosso planeta. E é a partir dessas reflexões que nos deteremos a seguir, no conceito de confiança a partir da perspectiva de Bollnow.

A confiança na perspectiva de Bollnow

A necessária confiança a partir da percepção de Otto Friedrich Bollnow no leva à reflexão a partir de situações vividas pelo mesmo, em sua infância, na Alemanha, onde vivenciou uma traumática experiência de desconfiança em relação a si. Esse episódio, aparentemente banal, o marcou profundamente e o levou a profundas reflexões sobre a confiança e sua importante necessidade na vida e na formação dos indivíduos. O pensamento de Bollnow acontece num período pós-guerra, ou seja, num período de grande descrença em relação à humanidade e norteou suas relações em todos os aspectos, mas especialmente no trato com os menores. Nesse contexto, Röhr (2011, p. 196) diz que o "veneno da desconfiança" ocupa muito lugar na vida humana, em todas as instâncias, tanto pública quanto privada, sendo a expressão "não confie mais em ninguém" algo escutado com muita frequência. Essa vertente do pensamento em relação à confiança

nos possibilita entender que ainda há perspectivas, que ainda podemos acreditar em algo, pois “[...] se deve existir uma vida humana que faz sentido, aí tem que existir também uma verdade de consolo que nos sustenta, uma verdade que suscita confiança na vida e que por si é condição prévia para possibilitar qualquer iniciativa para um futuro melhor” (BOLLNOW, 1948, *apud* RÖHR, 2011 p.197). Essa confiança refere-se a uma confiança de forma mais geral, ou seja, a crença no ser, o acreditar no outro. Apesar de todas as coisas que acontecem na contramão desse pensamento, diante da impossibilidade de provar se a atitude de confiança no Ser é certa ou não, a adesão a esse tipo de confiança é sempre um ato de liberdade, de livre decisão.

A confiança no âmbito educacional é muito importante, visto que é um processo de mão dupla. O docente necessita confiar em si e também confiar no outro que está a compartilhar os momentos de aprendizagem. Por sua vez, os estudantes, para que se desenvolvam de forma mais holística, precisam confiar em sua capacidade, bem como na capacidade e no relacionamento com o docente. A importância dessa confiança mútua fica evidente em suas palavras, a partir dessa citação:

Hoy es generalmente conocido lo importante que es para el niño, especialmente para el infante, crecer en el medio donde se sienta seguro e recogido, particularmente que se sienta ligado a una determinada persona que le transmita esta sensación de seguridad por tener una confianza ilimitada en él. (BOLLNOW, 1979, p. 5).

Nessa perspectiva, a confiança se configura como algo de extrema importância, porém, de grande sutileza, pois exige uma participação ativa e positiva frente ao ato de educar, onde diversas possibilidades estão postas e cabe a cada ator optar por como se dará sua postura e os encaminhamentos que ela irá desencadear. Nesse momento entra em cena a capacidade de resistir, de se desencantar e, mesmo assim, voltar a encantar-se por um ser ou por tantos, de estabelecer uma relação de confiança, ter essa relação estremecida, a confiança não concretizada como da forma esperada e, mesmo assim, voltar a confiar. Assim, cabe-nos indagar que capacidade fantástica é essa que alguns "desenvolvem"? Que os fazem mais confiantes que os demais? Que os permite usar a inteligência de forma mais assertiva e voltada para a compreensão do outro e para sua incompletude?

A resposta a esse questionamento chama-se resiliência, termo com diversas definições, mas que se aplicam às pessoas que vivenciam situações traumáticas ou decepcionantes e, apesar de sofrerem e passarem por essas situações, não perdem a capacidade de lutar, de seguir adiante. A semelhança entre a definição de resiliência e o que conhecemos como docentes, não é mera coincidência. Os docentes comumente apresentam características típicas de seres resilientes, em virtude dos grandes desafios e problemáticas com os quais se deparam diariamente.

Resiliência e educação

O cenário educacional atual faz com que nos defrontemos com características e vivências diversas e de alta complexidade. Ser docente hoje não é o mesmo que tê-lo sido em outras épocas. As demandas são totalmente diferentes e os atores desse processo precisam se adequar para atendê-las. Ao analisar a problemática da educação na contemporaneidade fica evidente a importância de docentes com maior capacidade de resiliência. Essa força, essa possibilidade de resistir aos duros golpes da vida nem sempre está explícita. Alguns a desenvolvem ao longo do tempo e a partir de determinadas situações, enquanto outros têm mais dificuldades de despertá-la. Aqueles que conseguem a proeza de desenvolver, e inclusive fortalecer a resiliência, certamente contribuirão de forma bastante eficaz na formação dos educandos.

Entretanto, Tavares e Albuquerque (1998, p. 146) nos dizem que:

O desenvolvimento, porém, nos sujeitos de uma tal qualidade, que lhe possibilite uma certa invulnerabilidade, não deverá fazer-se a custa do aumento de carapaças, de escudos de aço, de grades e mecanismos de defesa que a tornem insensível, passiva, conformada. (...) pelo contrário, tudo deve encaminhar-se no sentido de a tornar mais forte, mais desenvolvida técnica, pessoal e socialmente, ou seja, mais equipada para poder intervir, de modo mais eficaz e adequado, na transformação da própria sociedade...

O desempenho dos docentes em relação ao ensino de Ciências é também refletido por diversos autores. Sobre isso podemos compreender que:

...a atuação profissional dos professores de Ciências no ensino fundamental e médio, do mesmo modo que a de seus formadores, constitui um conjunto de saberes e práticas que não se reduzem a um competente domínio de procedimentos, conceituações, modelos e teorias (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2009, p. 31-32).

Em virtude da demanda de atributos solicitados aos docentes é importante também que fique bem claro que nem todos têm possibilidades de atender ao que a sociedade espera, da forma que espera. Nem todos conseguirão ser tão resilientes e superar todas as dificuldades encontradas no trabalho e, mesmo aqueles considerados fortemente resilientes, poderão o ser apenas em determinadas situações. Ou seja, é possível que em algum momento essa resiliência não seja tão eficaz, que de alguma forma, ou por algum motivo ou situação específica, essa resiliência diminua.

A possibilidade de fracassar, portanto, é algo que pertence à tarefa de educar, indissolavelmente. O educador há de correr este risco, comprometer-se, expor-se, e apenas será um bom educador se aceita que este risco é parte integrante de sua profissão. Em que pesem todas as suas amargas experiências, há de oferecer sempre de novo esta confiança, expondo-se novamente ao risco de fracassar, exigência quase sobre-humana (LEAL, 2010).

E nessa perspectiva de falibilidade, emergem situações que fogem ao controle, emergindo também, de acordo com Fajardo (2015, p. 60), preocupação com o aluno resiliente e também com o educador, que pode desenvolver a resiliência a seu favor e a favor do outro. Assim sendo, revela-se interessante o desenvolvimento da virtude da confiança com efeitos diretos no fortalecimento da resiliência dos pares, como parte do processo formativo dos docentes.

Conclusão

No contexto brasileiro atual parece difícil falar de confiança, já que enfrentamos uma crise de corrupção sem precedentes na história, mas talvez seja exatamente esse o momento em que devemos tratar dessa questão, porque é exatamente através do incentivo a essa virtude, desde a mais tenra idade, em casa, nas escolas e onde mais for possível, que poderemos acreditar e vislumbrar dias melhores.

Para Castro (2001), no cotidiano escolar, a complexidade da sala de aula, caracterizada por sua multidimensionalidade, simultaneidade de eventos, imprevisibilidade, imediaticidade e unicidade de respostas às inúmeras situações práticas exige certa capacidade de enfrentamento por parte dos professores.

O processo de formação docente precisa vislumbrar o indivíduo em sua totalidade, considerando as muitas situações adversas que poderão vivenciar, pois esse trabalho só terá efetiva importância quando também for pensada a formação

humana desses indivíduos. Entendemos que o desenvolvimento da confiança e da resiliência são aspectos importantíssimos para a construção de atitudes de enfrentamento às problemáticas que a vida nos apresenta.

Depois da família, a escola é considerada o meio fundamental, essencial, para que as crianças adquiram as competências necessárias ao sucesso, por meio da superação das adversidades (FAJARDO, 2015, p. 46). A ênfase no cuidado com a formação docente, na atenção com a formação humanizada desses indivíduos, bem como o estímulo no desenvolvimento de características que os fortaleçam e fortaleça a sua prática é devido às tantas demandas que surgem nesses espaços educativos. Pois, se esses são importantes autores do processo, os mesmos necessitam desenvolver estratégias que os permitam lidar com as constantes variáveis a que são submetidos.

Podemos então pensar que a formação de professores de Ciências mais autônomos, confiantes e resilientes, poderá contribuir de forma significativa na formação de indivíduos mais seguros, confiantes e capazes de enfrentar as dificuldades.

Concluimos, então, que essas reflexões contribuem para o fomento de inquietações acerca da formação docente, principalmente dos docentes em Ciências, com repercussões diretas no desenvolvimento dos discentes, influenciando de maneira singular o estabelecimento de relações mais harmoniosas e humanas em ambientes educativos.

Referências

BOLLNOW, Otto. F. **Sobre las virtudes del educador.** Der Aufsatz “Über die Tugenden des Erziehers“ ist spanisch erschienen. Educación. Espanha. 20, 1979.

CASTRO, Maria Aparecida C. Diniz. **Resiliência e educação.** São Paulo, Cortez, 2001.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31-42.

DERRIDA, Jacques. Notas sobre desconstrução y pragmatismo. In: MOUFFE, Chantal (Comp.). **Desconstrucción y pragmatismo.** Buenos Aires: Paidós, 1998. p. 151-170.

FAJARDO, Indinalva Nepomuceno. **Resiliência e Educação: exemplo das escolas do amanhã.** Curitiba: Appris, Cap. 01 e 05, 2015.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXIII.

LEAL Ana Lúcia. **Resiliência e formação humana em professores do ensino fundamental I da rede pública municipal**: em busca da integralidade. 2010. 251 f. Trabalho de conclusão de curso (Tese) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2010.

GATTI, Bernadete; BARRETTO, Elba S. S.; ANDRÉ, Marli. **Políticas docentes no Brasil**. Brasília, DF: Unesco, 2011.

HARGREAVES, Andy. **Os professores em tempos de mudança**. O Trabalho e a Cultura dos Professores na Idade Pós-Moderna. Lisboa: McGraw-Hill, (1998).

LOPES, Alice Casimiro; BORGES, Veronica. **Formação Docente, um Projeto Impossível**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.45, n. 157, p. 486 - 507, jul./set. 2015.

PEREZ GOMEZ, Angel. **La cultura escolar en la sociedad neoliberal**. Madrid: Morata, 1998.

RIECKEN, Cláudia. **Sobreviver: instinto de vencedor**: os 12 pontos da resiliência e a personalidade dos sobreviventes. São Paulo: Saraiva, 2006.

RÖHR, Ferdinand. **Confiança - um conceito básico da educação no pensamento filosófico e pedagógico de Otto Friedrich Bollnow**. EccoS, São Paulo, n. 26, p. 193-208, jul./dez. 2011.

VILETE, Liliane Maria Pereira. **Resiliência a eventos traumáticos**: conceito, operacionalização e estudo seccional. Disponível em <http://www.arca.fiocruz.br/handle/icit/2552>. Acesso em 27 mai. 2017.